

## A cultura da soberania de dados diante do neocolonialismo

*Sérgio Amadeu da Silveira<sup>1</sup>*

Antes mesmo da popularização intensa dos aparelhos móveis, o Brasil já era o campeão na utilização da internet. Em 2016, a média de seu uso entre os brasileiros conectados superava 4h diárias. Estar o tempo todo conectado tornou-se uma das características da nossa sociedade. A rede das redes informacionais havia invertido os fluxos no ecossistema de informação. O difícil não era mais falar, o difícil era ser ouvido. Como todos podem criar conteúdos e aplicações em sua **arquitetura distribuída**, nós achamos que a Internet seria uma rede estritamente democrática.

Entretanto, começamos a ver que a Internet distribuiu não apenas as possibilidades democratizantes, mas também as possibilidades de vigilância, de ações autoritárias e de controles não esperados. O ecossistema de comunicação foi alterado e continua sendo alterado nesse cenário de expansão das redes digitais.

Quero destacar aqui quatro coisas: primeiro, esse ecossistema está sendo alterado pela elevação da capacidade de transferência, processamento e armazenamento de dados. Para se ter uma ideia, 1 *zettabyte* corresponde a 10 elevado a 21 ou a 2 elevado a 70. Na internet, estamos trafegando mais de 1 *zettabyte* de informações por ano. São números gigantescos que não estão estabilizados. A tendência é crescer a quantidade de dados gerados e compartilhados nas redes digitais. A capacidade de processamento de dados e de armazenamento não parou, não vai parar e só tende a ter um crescimento maior.

Outra coisa é a expansão da conectividade: as pessoas estão cada vez mais conectadas, o tempo todo; seu celular é um computador de bolso. Isso representa uma alteração muito profunda dos primórdios da computação em rede. Agora, a comunicação é quase ubíqua.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política pela USP e professor associado da Universidade Federal do ABC (UFABC). Membro do Comitê Gestor da Internet. Integrante do Conselho Científico da Associação Brasileira dos Pesquisadores de Cibercultura (ABCiber). [sergioamadeu@yandex.com](mailto:sergioamadeu@yandex.com) / [sergio.amadeu@ufabc.edu.br](mailto:sergio.amadeu@ufabc.edu.br)

Uma terceira coisa, que tem a ver com essas duas primeiras, é a emergência de um mercado de dados como principal segmento da economia informacional. O mercado de dados é hoje o maior mercado da economia de tecnologias da informação.

Uma quarta questão também tem a ver com as anteriores: essa capacidade de capturar, criar e transferir dados viabilizou o surgimento das plataformas como os principais intermediários de transações e mercados digitalizados. Os consultores criaram uma marca fantasia para o negócio de hospedagem de dados em grandes *data centers*, a chamada “nuvem”.

A “nuvem” nada mais é do que um *data center* com milhares de servidores de rede de alto processamento que está mudando a paisagem dos fluxos de informação do planeta. Esses processos não são só parciais, são globais. Eles não são simplesmente tecnológicos, são políticos, culturais e econômicos. E eles têm uma configuração.

Nada disso seria do jeito que é se não fosse a doutrina neoliberal. A doutrina neoliberal aprofunda a tendência de concentração das atividades de mais alto valor agregado. Após a chamada “crise de estados de bem-estar social”, o capital não conseguiu atingir níveis de rentabilidade que haviam alcançado antes. Então, o capital realizou várias tentativas de ampliação da lucratividade, apostou em derivativos, em títulos lastreados em empréstimos fáceis no mercado imobiliário, enfim, gerou inúmeras crises e não chegou nem perto do que pretendia.

Logo, os principais *players* dos mercados financeiros perceberam que as empresas de tecnologia da informação tinham uma grande rentabilidade. Os capitais começaram a aterrizar no mercado de internet e das tecnologias de informação. Essa chegada começou muito aventureira e especulativa, gerando o *crash* das empresas da *web*, no ano 2000, conhecido como “estouro da bolha da internet”. Quem quebrou? Por exemplo, um *site* de leilão *on-line* que chegou a valer 100 milhões de dólares. Quando os acionistas perceberam que nem tudo daria certo na internet, muitas promessas especulativas evaporaram.

Quem sobreviveu ao estouro da bolha foram empresas que se financiavam pela crença de que no futuro elas dariam lucros astronômicos, mesmo dando prejuízo, como a Amazon. Só após dez anos de existência foi que a Amazon lucrou pela primeira vez. E ela, hoje, é uma das empresas de plataforma mais importantes do planeta.

As plataformas são grandes intermediários tecnológicos do mercado. Elas trabalham com dados de quem tem algo a ofertar e de quem precisa de algo para adquirir, seja um produto ou serviço, algo efetivo, concreto ou apenas uma esperança ou possibilidade de afeto. As plataformas capturando dados dos mercados podem ser mais eficientes, tentar obter maiores ganhos pela gestão inteligente dos fluxos de informação dos mercados.

Assim, a lógica neoliberal, para ser mais bem aplicada, buscou intensificar o uso das tecnologias da informação para obter alta lucratividade e reduzir custos, seja onde for – nas empresas privadas ou no Estado. O ordenamento neoliberal hoje está se consolidando em busca da *dataficação* de tudo e de todos. Essa busca furiosa pelos dados foi gerando uma crescente concentração das capacidades de coleta e armazenamento, bem como, viabilizou a implementação de um tipo de análise, baseado em modelos estatísticos, estocásticos, conhecida por diversos nomes – inteligência artificial, *machine learning*, *deep learning*.

Uma das plataformas que melhor exemplificam esse cenário é o Uber. O serviço de táxi é local, mas o Uber é uma empresa mundial, com sede na Califórnia. O Uber é um grande intermediador, não tem nem carro, mas sabe quem precisa se locomover e quem quer prestar o serviço por um certo valor. Mais que oferecer um serviço de deslocamento pago, o Uber, por meio de um aplicativo, possui muitos dados sobre quem está utilizando o seu serviço, bem como acompanha o trajeto do motorista pela cidade. Sabe cada freada dada, quanto tempo o carro levou em um trajeto em um determinado horário, entre outros tantos dados que podem ser captados e armazenados. O Uber talvez seja a empresa que possui o maior banco de dados para alimentar o sistema de inteligência artificial, o qual será usado futuramente nos carros autômatos.

O Uber é deficitário, mas sua expansão é visível. Como isso é possível? É porque, entre outras expectativas, ele tem a maior base de dados para o treinamento dos algoritmos de aprendizado de máquina, fundamentais para os carros autônomos.

Essas plataformas estão transformando tudo em dados. É por isso que Facebook, Google, Amazon, Baidu estão coletando dados. Eles são vorazes máquinas de captura de dados e de transformação de tudo em dados. Absolutamente tudo está sendo *dataficado*. Algumas plataformas globais vão engolindo outras menores, regionais e locais. A concentração é evidente. Esses gigantes globais se enfrentam como se o destino

reservasse o planeta para apenas uma delas. A concorrência entre grandes plataformas é mundial e gera uma coleta cada vez maior de dados. O Google não entrega seus dados para o Facebook e vice-versa. Assim, eles criam soluções para coletar mais dados que os concorrentes.

O Google sabe exatamente o que as pessoas de Belo Horizonte estão pesquisando hoje. Ele sabe o que as pessoas de Nova York estão querendo saber. Com seu bem-sucedido buscador, ele sabe que tipo de doença as pessoas temem em São Paulo. O Google conhece o humor das pessoas, nesse exato momento, em Sidney ou em Pretória. Ele sabe o que nós não sabemos. As pessoas começam a perceber essa enorme coleta de dados. Como disse David Beer, “o que a gente mede afeta o que nós fazemos”, e eu diria até “o que nós somos”.

Os dados são muito valiosos. Em 2016, a receita de apenas quatro plataformas norte-americanas, o Google, o Facebook, a Amazon e a Apple chegou a US\$ 469 bilhões de dólares. O PIB do Brasil naquele mesmo ano foi US\$ 1.7 trilhão, ou seja, o faturamento desses quatro gigantes equivalia a 26% do nosso PIB. Não é à toa que assistimos as lideranças do mundo rico afirmarem o que se tornou um lugar comum: “os dados são o petróleo do século XXI”. Então, quando se fala da cultura, as plataformas, entre elas as de entretenimento, têm um poder descomunal.

Compare agora a receita das quatro empresas com o PIB de países da América Latina e verá que ele representava, em 2016, 84% do PIB da Argentina, 187% do PIB do Chile e 891% do PIB Uruguai. Por isso, a palavra de ordem atualmente é *dataficação* que, em geral, vem acompanhada de expressões como “transformação digital” e “Big Data”. Mas o que é o Big Data? É uma tecnologia? Não, é um arranjo para se coletar um volume gigantesco e uma variedade enorme de dados, com muita velocidade, seja para obtê-los, seja apenas para processá-los.

Então, nós estamos falando de uma paisagem que será cada vez mais comum: os gigantescos prédios para abrigar *data centers*, com seus corredores que contêm milhares de servidores de rede. Nick Srnicek escreveu um livro para demonstrar que vivemos um capitalismo de plataforma. Já a pesquisadora Shoshana Zuboff considera que a melhor representação desse cenário está na imagem de um capitalismo de vigilância. O capital concentrará lucros em determinadas atividades, que serão desempenhadas por grandes

corporações, que serão alimentadas por uma enorme cadeia de coletores médios e menores de dados. Viveremos a vigilância distribuída.

Mas não é a tecnologia em si que produz esse cenário. Essa complexa situação tem uma força ordenadora que é o neoliberalismo. A tecnologia vai sendo moldada para gerar dados que permitam que as corporações encontrem e detectem o padrão de comportamento, as necessidades, as angústias, os temores e as vontades de cada pessoa. Assim, com o uso do aprendizado de máquina (*machine learning*), vão apostando em detectar padrões para atingirem previsões e organizarem um novo lance a partir da predição. É a matematização da vida e a organização social probabilística em que o elevado percentual se realiza como premonição.

No entanto, para realizar previsões, é preciso ter muitos dados sobre os sujeitos transformados em condutores previsíveis. As grandes plataformas vão organizando uma nova extração colonial de riquezas pelo planeta. Agora, os novos colonizadores precisam digitalizar esses territórios abandonados por Deus e extrair-lhes dados para alimentar os seus algoritmos de inteligência artificial. Não estão aqui precisamente para levar pau-brasil, ouro ou metais preciosos. Querem dados. Assim como a Coroa Portuguesa proibia a criação de jornais na colônia ou mesmo impedia a criação de universidades, esses neocolonizadores não querem que sejamos capazes de hospedar nossos dados, nem que utilizemos nosso conhecimento para desenvolver nossos algoritmos de inteligência artificial. Em sua defesa temos os políticos neoliberais, que clamam pela redução de custos e pela qualidade das plataformas. Como uma doutrina religiosa, desprezam o investimento público voltado a desenvolver tecnologias nessa terra abandonada pelas divindades do ciberespaço.

Por isso, algumas universidades brasileiras entregaram a hospedagem dos seus dados para o Google, outras para a Amazon. “É mais barato, é muito mais avançado do que qualquer coisa que possamos desenvolver.” Isso se chama pensamento colonizado. Temos que romper com essa servidão maquínica. A cultura precisa formar suas estruturas de dados. Criar políticas de tratamento de informações, de hospedagem distribuída, de uso de aprendizagem de máquina e de sensores para captar os fluxos nos edifícios, monumentos, museus, teatros, espetáculos. Isso tudo pode ser feitos sem a lógica neoliberal, sem a violação da privacidade, respeitando a Lei Geral de Proteção de Dados

e tendo os direitos humanos fundamentais presentes da concepção à execução dos projetos tecnoculturais. Afinal, essas são decisões tecnopolíticas do gestor da Cultura.

### **Referências**

BEER, David. The social power of algorithms. *Information, Communication & Society*, v. 20, n. 1, p. 1-13, 2017.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. *Television & New Media*, 2018.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. *Tudo sobre tod@s: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais*. São Paulo: Edições Sesc, 2017.

SRNICEK, Nick. *Platform capitalism*. John Wiley & Sons, 2017.

ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization. *Journal of Information Technology*, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.